

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L.; Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sússekind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224 p.

Silvana Aparecida Pinter Chaves

Departamento de Educação — Instituto de Biociências
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Rio Claro – São Paulo
pinter_chaves@yahoo.com.br

Norbert Elias nasceu em 1897 na cidade de *Breslau*, hoje *Wroclaw*, na Polônia. A sua família era de “judeus alemães,” como tantas outras que viviam em um mundo social atravessado pela tensão entre o sentido de inclusão e o de exclusão, uma vez que os judeus ocupavam o lugar de minoria estigmatizada naquela figuração social que era a nação alemã na época.

Em pesquisa realizada durante aproximadamente três anos, na pequena comunidade industrial urbana, de nome fictício de *Winston Parva*, no sul da Inglaterra, do século XX, *Elias e Scotson* mostram uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo de residentes estabelecido desde longa data num bairro relativamente antigo e, ao redor dele, duas povoações formadas em época mais recente, cujos moradores eram tratados pelo grupo dos estabelecidos como *outsiders*. A pesquisa começou, como muitas outras, porque moradores de um desses bairros tinham um índice de delinquência sistematicamente mais elevado que o dos outros.

É um livro de pesquisa que combina dados de fontes diferentes: estatísticas oficiais, relatórios governamentais,

documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e, principalmente, de permanente observação. As diversas fontes proporcionam compreender os laços de interdependência que unem, separam e classificam segundo a sua importância, os indivíduos e grupos sociais, em relação de poder constante.

O que *Elias* e *Scotson* nos mostram nesse livro é a relação de poder entre dois grupos de moradores que não se diferenciam quanto a seu tipo de ocupação, religião, educação, nacionalidade, classe social, cor, raça, mas sim no que se refere ao tempo em que residiam na comunidade.

O grupo estabelecido os estigmatizava como pessoas de valor inferior, tratavam os moradores novos como indivíduos que não se inseriam no grupo, como forasteiros, “os de fora.”

Essa comunidade fazia parte de uma área de construções suburbanas nos arredores de uma grande e próspera cidade industrial da região central da Inglaterra. Uma ferrovia separava-a de outras partes desse conjunto que proliferava; uma ponte sobre a via férrea era o único elo com *Winston Magna* e com o restante de *Winston*. Ali viviam menos de 5.000 habitantes, que formavam uma comunidade bastante coesa, com suas próprias fábricas, igrejas, lojas e clubes. A área se compunha de três bairros, conhecidos e reconhecidos como diferentes pelos próprios moradores. A Zona 1 era o que se costuma chamar de área residencial de classe média. As Zonas 2 e 3 eram áreas operárias, uma das quais, a Zona 2, abrigava quase todas as fábricas locais. As Zonas 2 e 3 eram divididas em duas áreas que eram denominadas de um lado, o grupo residente na *aldeia*, que era povoado pelos moradores já havia três gerações e devido a esse fator se julgava senhor de direitos especiais; e de outro lado, o grupo dos moradores do *loteamento* que era visto pelo outro grupo como inferiores, somente pelo fato de serem moradores há menos tempo e devido a esse fator, eram tratados como *outsiders*.

O grupo dos moradores da aldeia vêem-se como pessoas melhores, dotadas de uma relação grupal sólida, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros, enquanto que o grupo de moradores do loteamento não tinham esse tipo de relação grupal e isso os tornavam isolados e inferiores com relação ao outro grupo. O único contato que havia entre eles era o exigido por suas atividades profissionais.

Devido a essa relação sólida, o grupo dos estabelecidos reservava para as pessoas de sua relação grupal, cargos importantes como o conselho, a escola ou ao clube e deles excluía os moradores da outra área. Assim, a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido afirmava sua superioridade e sua relação de poder, pois havia uma acentuada coesão e integração no grupo o que não se via no grupo dos moradores do loteamento. O grupo dos antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia muito tempo estabeleciam para si um estilo próprio e um conjunto de normas e se orgulhavam disso.

Apesar de *Winston Parva* ser uma comunidade relativamente homogênea segundo religião, renda, educação, ocupação, língua, nacionalidade, sua população estava dividida de um lado pelo grupo que residia no bairro denominado “*aldeia*” onde os moradores eram aqueles que exerciam o poder, pois, eram moradores antigos do local e se denominavam por estabelecidos e perfaziam 80% da população a qual havia 80 anos residia no local, e a do grupo que residia no bairro denominado por “*loteamento*” e eram estigmatizados por serem considerados estrangeiros, pois moravam apenas há 20 anos no local, perfazendo 25% da população.

“[...] A área de *Winston Parva* construída por *Charles Wilson*, sua parte mais antiga, correspondia à Zona 2. Seus 80 anos de existência eram o bastante para dar às famílias que a habitavam e que lá permaneceram um forte sentimento de pertença ... Essa parte de *Winston Parva*, a mais antiga, era afetuosamente chamada por seus habitantes, com certo orgulho, de a aldeia. A zona 3 fora construída na década de 30 por uma empresa particular de investimentos, num terreno situado entre a via férrea principal e um ramal secundário ao norte do canal. Os antigos moradores consideravam-na abaixo de seu padrão local. Os recém-chegados diferiam não apenas dos padrões dos ‘aldeões’, mas também dos da maioria dos residentes. Os imigrantes compunham um quadro social de nível inferior dos operários residentes já estabelecidos, mas dificilmente poderíamos referir-nos às diferenças entre as duas zonas operárias como diferenças de classe”. (p. 62-3).

Devido a essa mudança temporal na comunidade que os mesmos eram excluídos do convívio com os moradores da aldeia. Eram trabalhadores braçais, operários não-especializados e os *outsiders* eram desconsiderados e marginalizados pelo simples fato

de residirem na comunidade há menos tempo. Elias nos mostra a relação de poder entre esses dois grupos e suas particularidades quanto a esse poder.

O fator tempo de residência é o determinante de poder entre os mais antigos perante os mais novos moradores, e essa relação de tempo é fator gerador para a estigmatização dos moradores mais novos da comunidade, e aqueles indivíduos que não faziam parte desse grupo eram simplesmente excluídos.

O trecho a seguir exemplifica bem essa temporalidade e detenção de poder por parte dos moradores da aldeia

“[...] o fato de os habitantes do loteamento não agirem de acordo com os dogmas da ‘aldeia’ era uma das razões pelas quais os ‘aldeões’ desdenhavam deles e os excluíaam ao máximo de seu círculo. Os ‘aldeões’ não conseguiam distanciar-se o bastante de seu próprio sistema de valores e crenças para ver que os recém-chegados não poderiam, automaticamente, sentir o mesmo apego por *Winston Parva* e por tudo o que ela representava aos olhos dos moradores mais antigos que haviam crescido ali.” (p. 102)

As pessoas, na comunidade dos estabelecidos, utilizavam contra os moradores do loteamento a “fofoca”, como marco de estigmatização. Os estabelecidos denegriam a imagem do outro grupo e isso lhes davam *status*, facultando-lhes exercerem certo centralismo na propagação de regras, valores, normas e verdades (absolutas, estáticas, cristalizadas).

“[...] Já naquela época, é evidente que os ‘aldeões’ formavam, em muito maior grau, um grupo relativamente fechado. Tinham desenvolvido tradições e padrões próprios. Quem não cumpria essas normas era excluído como sendo de qualidade inferior. [...] Eles cerraram fileiras contra os intrusos, usando todas as armas características de que dispõem as comunidades bem estabelecidas e razoavelmente unidas. Excluíram-nos de todos os postos de poder social, fosse na política local, nas associações beneficentes ou em qualquer organização local em que sua influência fosse predominante. Acima de tudo, desenvolveram como arma uma ‘ideologia’ [...], que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. [...] Sua ideologia de *status* disseminou-se e foi mantida por um fluxo constante de fofocas, [...] que se agarrava a qualquer acontecimento entre as pessoas da outra zona, capaz de reforçar a imagem negativa do loteamento”. (p. 65).

Em seu trabalho de campo, *Elias* relata um fator, em relação às famílias matrifocais da Zona 2, que merece destaque.

“As mães da Zona 2 eram o centro de muitas atividades familiares – morando, muitas vezes, numa casa herdada da mãe, ela manipula o mundo externo a seu redor. Eram o centro de muitas atividades familiares. Eram as figuras centrais de referência. Guarda a caderneta dos alugueis e lida com o cobrador que vem recebê-los, assim providenciando para que suas filhas venham morar nas imediações. A influência preponderante da mãe como uma espécie de matriarca, eixo de um grupo familiar. Fazia parte do papel da mulher cuidar das crianças enquanto as filhas ou noras saíam para trabalhar e cuidar de modo geral dos interesses de outros membros da família, tanto homens quanto mulheres, sempre que eles precisassem. Cabia às filhas cuidarem dos mais velhos”.(p. 87).

Não havia os mesmos laços de parentesco nas famílias do loteamento e isso contribuía para o isolamento das mesmas. As operárias com filhos pequenos enfrentavam grandes dificuldades para encontrar quem cuidasse de seus filhos quando saíam para trabalhar.

Em *Winston Parva*, como em outras áreas industriais, tinha a comunidade jovem que também era marcada pelas diferenças entre as comunidades e, em se tratando das três Zonas, alguns jovens que eram delinquentes ou quase delinquentes em sua maioria provinham da Zona 3, alguns da Zona 2 e nenhum da Zona 1. Como em toda parte, só uma minoria desses jovens era levada aos tribunais. Na Zona 3, 17 dos 19 delinquentes juvenis foram levados aos tribunais por crimes contra a pessoa ou propriedade.

Para um distrito de suas dimensões, os recursos que *Winston Parva* oferecia aos jovens eram muito precários. O cinema servia de ponto de encontro para multidões de adolescentes, que eram particularmente afetados pelo fato de sua sociedade não lhes oferecer papéis claramente definidos

“[...] Todos os seis grupos juvenis das igrejas ou capelas locais reuniam-se na Zona 2 e tinham um número reduzido de membros. [...] Não havia nenhuma agremiação juvenil na Zona 3, embora um

pequeno setor da associação da igreja anglicana se reunisse no salão das missões do loteamento.[...] A única organização juvenil que tinha por norma manter as portas abertas para os jovens do loteamento e da ‘aldeia’ era o Clube Juvenil Aberto, organizado pela Diretoria Municipal de Ensino. [...] Havia um estabelecimento que abria suas portas a todos, mas cobrava um preço por isso. Era o cinema local.”(p. 137-9)

Para *Elias*, muitos desses jovens, chamados ‘delinqüentes’, pareciam esbarrar nos muros da prisão invisível em que viviam, gastando suas energias na tarefa de chatear e provocar todos aqueles que lhe davam a vaga sensação de serem carcereiros, numa tentativa de escapar ou de provar a si mesmos que a opressão era real.

Esses mesmos autores relatam a questão da anomia⁽¹⁾ que refere-se a “um estado de ausência, de falta de regras e de ordem, de não estrutura; possuía o sentido que eles chamaram *normativo* de um julgamento moral, associado aos mesmos valores que, em *Winston Parva*, serviam para estigmatizar os *outsiders*, devido ao fato dos moradores do loteamento aceitarem sem se impor a condição de excluídos pelos moradores da aldeia..

As categorias, *estabelecidos e outsiders*, se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte dessas comunidades estão ao mesmo tempo unidos, mas também separados por uma relação de interdependência grupal.

Pode-se constatar nesse livro que a superioridade social e moral, o pertencimento e a exclusão são elementos da sociedade dos indivíduos e que entre *os estabelecidos e os outsiders*, na esfera social, exemplificam as relações de poder.

Como se pôde observar, os autores conferem a este livro uma atualidade, sugerindo caminhos para analisar, criticar e reformular algumas questões contemporâneas em torno de expressões como exclusão social e violência social.

NOTAS:

Anomia — **I** [Do gr. anomía (v. a-3, -nom(o)- e -ia1); fr. anomie.]. S. f. I.1. Ausência de leis, de normas ou de regras de organização. I.2. Sociol. Situação em que há divergência ou conflito entre normas sociais, tornando-se difícil para o indivíduo respeitá-las igualmente. [Em situações extremas, essa contradição ou dificuldade pode equivaler, na prática, a ausência de normas.]. **II**. [De an- + -onom(a)- + -ia.]. S. f. Neur. II. 1. Perda da capacidade de nomear os objetos. (HOLLANDA, A. B. Aurélio — Século XXI).

Assim, podemos generalizar que, no texto, **anomia** é um estado de ausência, de falta de regras e de ordem, de não-estrutura e possuía o sentido *normativo* de um julgamento moral.